

**Colégio Tiradentes Pelotas – 1ª série**  
**Helena Grimm Berwaldt**

**Talvez, no fim, eu saiba.**

Eu era pequena, apenas uma menina inocente descobrindo sobre este fascinante mundo e suas inúmeras possibilidades quando surgiu pela primeira vez a pergunta “o que você quer ser quando crescer?”. A pergunta ficou retumbando alto em minha mente por dias, até que descobri o que eu queria ser: astronauta. Conseguia me imaginar no espaço, tocando a superfície lunar, com aqueles capacetes grandiosos que eu via na televisão.

O tempo passou mais um pouco, e mais uma vez, aquela pergunta que eu já não tinha mais certeza da resposta foi feita a mim: “o que você quer ser quando crescer?”. Desta vez, posso dizer que a pergunta não foi feita, mas foi imposta, e penetrante em mim, me atormentou e roubou diversas noites de bom sono. Eu ainda era apenas uma menina, na verdade, me sentia como uma, mas já estava acabando o ensino médio. Decidir era tão difícil. As possibilidades eram absurdas e empolgantes, mas devido à pressão, da pressa, escolhi a Medicina.

Estudei. Muito. E por fim, me formei. Parecia ter sido a escolha certa a fazer, escolher aquilo que traria orgulho aos meus pais, mas do que adiantou? Sempre fui infeliz em minha profissão. Nunca tive prazer em exercê-la, posso dizer que era um fardo. Lembro-me de deitar na cama, fitando o teto e pensar: “o que eu quero ser?”. Já estava crescida, e a decisão já havia sido tomada, escolhi a Medicina. Mas pelo que meu coração ansiava profundamente? As coisas poderiam ter sido diferentes? E era nesse momento que eu dormia, mergulhada em tantos pensamento e possibilidades, e arrependimento.

Hoje, sentada em uma cadeira de balanço, com dores nas articulações, olho pela janela, no fim de tarde, as crianças correndo e se divertindo, penso se a temida pergunta já foi feita a elas. Fecho meus olhos cansados, toco as mãos e sinto cada ruga, cada história. Respiro fundo. Apesar de quando jovem não ter certeza sobre o que de fato eu queria ser, hoje sei. Eu teria amado ser policial.

**Comentário do júri:** O conto tem uma construção narrativa bem estruturada e a escrita em primeira pessoa é um recurso interessante para aproximar o leitor da experiência da personagem. As questões levantadas pelo conflito da personagem principal são pertinentes e mostram que tomar uma decisão tem impactos profundos.